

Design no centenário do congado de mocameiro: uma proposta para valorização do patrimônio imaterial

Design in the centennial of mocameiro's congado: a proposal for the valorization of intangible heritage

DOI:10.34117/bjdv7n7-268

Recebimento dos originais: 07/06/2021

Aceitação para publicação: 11/07/2021

Rita de Castro Engler

PhD em Engenharia de Produção e Gestão de Inovação Tecnológica (Ecole Centrale Paris)

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design

Endereço completo: Rua Luz, 101/apto.101, Bairro Serra, Belo Horizonte/ MG. CEP:
E-mail: rita.engler@gmail.com

Nadja Maria Mourão

Doutora e Mestra em Design (PPGD/UEMG)

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design

Endereço completo: Rua São Miguel, 642/28, Bairro Itapoã, Belo Horizonte, MG. CEP:
31.710-350.
E-mail: nadjamourao@gmail.com

Jéssica Cristina Franco Fuzeri

Graduada em Design (Escola de Design/UEMG)

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design
Endereço: Rua Itacoatiara, 86- Sagrada Família, Belo Horizonte, MG, CEP:
31035-400.

E-mail: jessica.fuzeri@gmail.com

Letícia Hilário Guimarães

Doutoranda e Mestra em Design (PPGD/UEMG)

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design

Endereço completo: Rua Idalina Alves, 306-Centro-São José da lapa. CEP: 33.350-000
E-mail: hg.leticia@gmail.com

Viviane da Cunha Melo

Mestra em Design (PPGD/UEMG)

Instituição de atuação atual: Universidade do estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design

Endereço completo: Rua Thompson Flores, 366, apto 401, Gutierrez, Belo Horizonte, MG. CEP: 30441-004
E-mail: vivi-melo15@hotmail.com

Ivy Francielle Higino Martins

Doutoranda e Mestra em Design (PPGD/UEMG)

Instituição de atuação atual: Professora do ensino superior no Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (IISCA/UFCA)

Endereço completo: Av. Ten. Raimundo Rocha, 1639, Cidade Universitária, Juazeiro do Norte – CE

E-mail: ivyhigino@gmail.com

Glauco Honório Teixeira

Mestre em Design (PPGD/UEMG)

Instituição de atuação atual: Universidade do estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design

Endereço completo: Rua Santa Maria do Itabira, 156/202- Sion, Belo Horizonte, MG, CEP: 30310-600

E-mail: proglauco@gmail.com

Ana Célia Carneiro Oliveira

Mestra em Design (PPGD/UEMG)

Instituição de atuação atual: Universidade do estado de Minas Gerais (UEMG) - Escola de Design

Endereço completo: Rua Ursulina de Melo, 95 - Casa. Bairro: Alípio de Melo, Belo Horizonte, MG, CEP: 30820-600.

E-mail: anacelidesign@gmail.com

RESUMO

O ritual do Reinado de Nossa Senhora do Rosário ou Congado é uma das mais importantes expressões de religiosidade e cultura afrobrasileira presentes em Minas Gerais. O Reinado consiste num ciclo anual de homenagens a Nossa Senhora do Rosário e envolve desde a realização de novenas a coroações dos reis e rainhas do Congado. Neste trabalho, busca-se entender o contexto histórico-cultural da comunidade do Congado de Mocamboiro e suas tradições, a fim de incentivar as manifestações do patrimônio cultural imaterial, que completou um centenário, em 2017. A pesquisa foi realizada por professores e alunos do Centro de Estudos em Design e Tecnologia da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Entende-se que a realização da festa do Congado é um evento que contribui para a valorização do patrimônio imaterial da comunidade do distrito de Mocamboiro, na cidade de Matozinhos. Quanto à metodologia, fez-se um levantamento bibliográfico de caráter qualitativo, sobre o Congado e sua manifestação no território mineiro, com foco no estudo de caso do Distrito de Mocamboiro. Utilizou-se como fonte de referências o acervo da biblioteca da universidade, periódicos da CAPES, anais de congressos, revistas online, livros, monografias e teses sobre o assunto. Constatou-se que o tema Congado está em ascensão. Contudo, quando voltado ao distrito de estudo, há uma escassez de registros e quase nulo o material de referência. Entre as contribuições do projeto de design pode-se mencionar a criação da identidade visual e a marca pelo centenário. Esta, desenvolvida pelos profissionais do design, foi aplicada em produtos tais como: velas, camisetas, estandartes, entre outros. Como incentivo para a comunidade foram desenvolvidos modelos de terços em contas e fuxico de retalhos, que a comunidade utilizou como souvenir para colaboradores e parceiros do evento. O grupo da pesquisa também realizou os registros de imagens do evento elaborando um acervo digital da Festa do Centenário do Congado de Mocamboiro, doado à comunidade e instituições parceiras. Acredita-se que esse

modelo de atividade acadêmica pode contribuir para a preservação do patrimônio imaterial.

Palavras-Chave: Design, cultura, patrimônio imaterial, Congado, Mocamboiro.

ABSTRACT

The Reinado de Nossa Senhora do Rosário or Congado ritual is one of the most important expressions of religiosity and Afro-Brazilian culture in Minas Gerais. The Reinado consists of an annual cycle of homage to Our Lady of the Rosary and involves from novenas to the coronation of the Congado kings and queens. In this work, we seek to understand the historical-cultural context of the Congado de Mocamboiro community and its traditions, in order to encourage the manifestations of intangible cultural heritage, which completed a centennial in 2017. The research was conducted by teachers to students of the Center for Studies in Design and Technology of the School of Design of the Minas Gerais State University. It is understood that the Congado festival is an event that contributes to the valorization of the intangible heritage of the community of the district of Mocamboiro, in the city of Matozinhos. As for the methodology, a qualitative bibliographic survey was done about Congado and its manifestation in Minas Gerais, focusing on the case study of the Mocamboiro District. The university library collection, CAPES periodicals, conference proceedings, online magazines, books, monographs, and theses on the subject were used as reference sources. It was found that the Congado theme is on the rise. However, when it comes to the study district, there is a scarcity of records and almost no reference material. Among the contributions of the design project one can mention the creation of the visual identity and the centennial brand. The latter, developed by design professionals, was applied to products such as candles, T-shirts, and banners, among others. As an incentive to the community, models of rosaries in beads and fuxico de retalhos were developed, which the community used as souvenirs for collaborators and partners of the event. The research group also made the image records of the event, creating a digital collection of the Mocamboiro Congado Centennial Festival, donated to the community and partner institutions. It is believed that this model of academic activity can contribute to the preservation of intangible heritage.

Keywords: Design, culture, intangible heritage, Congado, Mocamboiro.

1 INTRODUÇÃO

A Festa da Nossa Senhora do Rosário de Mocamboiros, um dos mais importantes exemplos de manifestação da cultura do Congado, acontece nesse distrito de Matozinhos, sempre tendo como referência o penúltimo domingo do mês de agosto.

Os cortejos denominados Congados ou Reinados nasceram das comitivas que acompanhavam os Reis do Congo - soberanos negros eleitos entre escravos e libertos das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia - por ocasião de festas públicas e rituais religiosos. A prática do Congado manifesta-se como um modo de expressão cultural. Ainda hoje em dia, é tradicionalmente passado de uma geração para outra criando o elo entre as novas gerações e os seus ancestrais.

As celebrações iniciam-se na sexta-feira com a procissão saindo da casa do Alferes da Bandeira até a igreja, onde ocorre uma missa e, logo após, o levantamento dos mastros com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário do Rosário e São Benedito, patrono da guarda, e em seguida ensaio geral. No sábado, há apresentação da Guarda e do Candomblé durante todo o dia e à noite há missa na Igreja de Santo Antônio. No domingo, a apoteose do evento, pela manhã, há apresentação da Guarda local, Guardas convidadas e do Candomblé, à tarde acontece a missa Conga e, logo após, procissão com a participação de todas as guardas visitantes. Na segunda-feira à noite, há missa e a coroação dos novos Reis para o próximo ano. Nas ruas em volta da igreja são montadas barracas para comércio de comidas, bebidas e artigos variados. Na Barraca da Guarda, após as festividades religiosas, há shows musicais com artistas da região.

Na comunidade de Mocambeiro a festa é muito importante para todos que participam de sua preparação, como reis e rainhas, capitães, dançantes, caixeiros e ajudantes. Durante todo o ano os envolvidos desempenham seus papéis para colaborar com a preparação da festa, quando arrecadam dinheiro, alimentos, consertam roupas dos integrantes da guarda, os andores com as imagens dos Santos, e nas proximidades da festa, todas as atenções são concentradas para os ajustes finais.

Comunidades como Mocambeiro são riquíssimas em cultura e história. Contudo, são extremamente carentes de recursos e estrutura para receber, o enorme público que se faz presente na Festa da N. Sra. Do Rosário. Devido às boas relações dos moradores da comunidade de Mocambeiro com os membros do CEDTec, foi solicitada uma parceria com a comunidade local no intuito de resgatar a história do Congado na região, como patrimônio imaterial da comunidade, uma vez que em 2017 comemoram-se os cem anos da Guarda de Nossa Senhora do Rosário e da sua tradicional festa.

2 A MANIFESTAÇÃO CULTURAL DO CONGADO

2.1 BREVE HISTÓRICO

O Congado possui registros no Brasil desde o período colonial e é integrado ao calendário católico. A manifestação apresenta-se como uma variante do catolicismo popular, porém, caracterizada como uma releitura do catolicismo oficial. Após a colonização da África negra, os europeus, começaram a criar formas de controlar e manter o povo escravizado submisso, sendo o catolicismo, uma das maneiras encontradas (MOURÃO, 2011; BRETTAS; FROTA, 2012).

A inserção de valores e crenças católicas à cultura africanas fez com que houvesse a mescla de fé e devoção, porém, vale ressaltar que, o choque de culturas não se deu de forma facilitada, e devido a isso, que manifestações culturais como o Congado, foram criados com o intuito de que a etnia e os valores africanos não se perdessem totalmente durante a escravidão (NAVES; KATRIB, 2012; SILVA, 2008; BRETTAS; FROTA, 2012):

A história de constituição dos congados – reprimidos até meados do século XX – apresenta uma estratégia de resistência cultural e social - que reforçou a revolta dos escravos - a configuração dos quilombos e de outras organizações negras contra o sistema escravocrata (BRETTAS; FROTAS, 2012, p. 11).

Segundo Silva (2008), o primeiro registro documentado de uma congada realizada no Brasil é de 1760, ocorrida nos festejos do casamento de D. Maria I, rainha de Portugal. Em contraponto, Tinhorão (2000), retrocede um pouco mais, afirmando que, em 1711, houve a primeira coroação de rei congo em uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Pernambuco. O mesmo autor afirma ainda que, ao final do século XVII é possível encontrar as primeiras coroações de reis, sendo estas com alusão aos reis de Angola e não do Congo. Por fim, Noronha (2011), retrocede ainda mais, afirmando que o primeiro registro desta manifestação popular é datado de 1552, em uma carta do jesuíta Antônio Pires, referenciando à participação de negros em Pernambuco na Confraria do Rosário.

No Congo havia a festa dedicada a Zâmbi-Apunto (Deus dos congolezes), um ritual típico realizado nos tempos que antecederam a escravidão, pelo Império do Rei Galanga. Essa festa teve forte influência no Congado Brasileiro. Sendo inclusive, o Rei Galanga – em Minas Gerais conhecido como Francisco da Natividade (Chico-Rei) – o responsável pela implantação em solo mineiro, de uma festa semelhante a de Zâmbi-Apunto. A festa consistia em uma mistura de cerimônia católica com cerimônia africanada. (MOURÃO, 2011; NAVES; KATRIB, 2012).

Em Minas Gerais a festa tornou-se uma manifestação de louvor e homenagem a Nossa Senhora do Rosário, sendo o culto à santa, foi difundido desde o início da colonização, e ambos eram organizados principalmente pelas irmandades negras. Sendo, o povoamento do sudoeste do Estado simultâneo à constituição das Irmandades do Rosário (SOARES, 2009; GABARRA, 2009; MOURÃO, 2011).

Pode-se dizer que as irmandades serviram como ponto de concentração de reivindicações sociais, de construções das igrejas em homenagens aos santos e, principalmente, para assegurar aos africanos, habituados ao culto dos

mortos, que cada um de seus membros, mulheres e filhos tivessem uma sepultura e enterros adequados. (NORONHA, 2011, p. 270).

Através das Irmandades, o congadeiro podia, segundo Gabarra (2009, p. 164) “construir uma via própria em que as expressões do seu próprio regime de temporalidade pudessem subsistir”, uma vez que as Irmandades consistiam em um modo de representar o “poder” entre os Negros.

O compromisso, no qual o funcionamento das Irmandades Leigas estava incluído, as vinculava, mas não as submetia, à burocracia da igreja. Depois de autorizado, qualquer ato religioso fora ou dentro da igreja poderia ser executado sem prévia comunicação ao padre da freguesia. (GABARRA, 2009, p.21).

As manifestações em louvor a Nossa Senhora do Rosário podem, portanto, ser compreendidas como desdobramentos dos cortejos reais que acompanhavam os Reis do Congo – soberanos negros eleitos das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Estas são consideradas hoje, como símbolo de resistência religiosa e cultural, uma vez que, mesmo com tantos preconceitos, ainda guardam rituais de fé as divindades africanas e a devoção aos santos católicos. A vivência do Mito de Nossa Senhora do Rosário, neste caso, consistiu em uma forma que o povo africano encontrou de manter vida e expressar sua religiosidade (VILARINO, 2007).

No caso das celebrações afro-brasileiras, elas representam meios de sobrevivência dos vestígios da memória africana, durante séculos de sua repressão social e cultural nas colônias americanas. Através das performances rituais, podem ser vislumbrados alguns dos processos de criação de suplementos que buscam cobrir as faltas, vazios e rupturas das culturas e dos sujeitos que se reinventaram (BRETTAS; FROTAS, 2012).

A valorização dos saberes culturais, somados às memórias, geram experiências e emoções aplicáveis para a vida prática das novas gerações. A simples lembrança de um artefato ou lugar casual ou familiar é suficiente para fazer com que ele se eternize no coração do seu possuidor. A relação afetiva construída ao longo do tempo entre as pessoas e artefatos é um fator aplicável na lembrança de pessoas com vínculo ao grupo social, construindo laços fortes de identidade (MOURÃO; OLIVEIRA, 2021, p. 14265)

É possível perceber que o Congado tem ganhado cada vez mais destaque nos meios de comunicação e nas conversas entre patrimônio imaterial. Considerando-se que tais festejos estão incluídos, no Brasil, em uma categoria de registro do patrimônio imaterial – as celebrações, festas, músicas e cantos. No entanto, informações sobre as

origens e formações desses grupos, ainda são escassas e de difícil acesso (BERTOLINO, 2010; MOURÃO, 2011; BRETTAS; FROTAS, 2012). Portanto, faz-se relevante o levantamento constante de dados sobre o assunto, a fim de valorizar não só a cultura congadeira como também seus participantes.

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar.

[...] O Congado, sem dúvida, é um bem que compõe o patrimônio cultural brasileiro e mineiro. Também é inegável acentuar que o registro desta celebração é uma fonte de informação valiosa, que além de nos mostrar a respeito desta manifestação afro-brasileira, nos apresenta também o contexto histórico de sua criação, os aspectos culturais e religiosos que condicionaram sua evolução, e de como ela influencia o cotidiano dos participantes – que são inseridos em uma identidade que lhes confere – enquanto indivíduos e coletividade - a sua trajetória, a sua memória, e sua forma de inserção na contemporaneidade (BRETTAS; FROTA, 2012, p.17).

Um fato que comprova a atual importância segundo Brettas e Frota (2012) são os primeiros registros de Congados, enviados no ano de 2010, por sete municípios mineiros (Carvalhópolis, Formiga, Itaguara, Itapeçerica, Senhora de Oliveira, Betim, Uberlândia) ao IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais para posterior aprovação. Por fim, a UNESCO define como patrimônio cultural imaterial as representações, expressões, práticas e técnicas – juntamente com seus instrumentos, objetos e lugares culturais que o compõem – que as comunidades, grupos e indivíduos reconhecem como componente de seu patrimônio cultural. Ele é transmitido de geração em geração e adaptados de acordo com o ambiente e seus componentes (BRETTAS; FROTA, 2012).

2.2 O MITO FUNDADOR DO CONGADO

O Congado organiza-se no interior de suas irmandades e é também regido em função de um mito fundador, o qual será apresentado a seguir. Para tanto, o mito que fundamenta o Congado de Mocambeiro – distrito de estudo – consiste-se no louvor dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Contudo, é necessário apontar que existem dois tipos de mitos que se diferenciam entre si; os mitos cosmogônicos e os de origem. Os cosmogônicos se referem à formação do universo e os de origem procuram dar uma explicação do início de uma instituição ou costume. “Os mitos servem também de orientação para um entendimento, ou como explicação de alguns acontecimentos, para quais não conseguimos encontrar respostas” (CRUZ, 2007, p. 1).

Silva (2008) relata que mitos de origem, como o de Nossa Senhora do Rosário, estão espalhados por todo o território das Américas Hispânicas e há, em todo o território brasileiro, diversas histórias de aparição de santidades aos povos caracterizados pela opressão e vulnerabilidade. O mesmo autor explana ainda que, para se interpretar a festa dedicada a Nossa Senhora do Rosário é necessário compreender como o mito e os ritos se relacionam e interagem quando aplicados a festa e a vida dos devotos, uma vez que, a santa só aceita louvações se estas forem executadas de acordo com princípios determinados. Sendo que, os rituais religiosos permitem aos praticantes adentrar no mundo divino e pela fé trazê-lo à realidade humana (GUILLOUSKI; COSTA, 2012).

Noronha (2011) reafirma a importância do mito, quando explana que, os devotos de Nossa Senhora do Rosário acreditam no mito como também dedicam sua vida pessoal ao mesmo. Todas as instâncias da vida cotidiana são orientadas por este, ou seja, a Santa define o *modus vivendi* dos devotos e é a ela a quem todos recorrem em situações de necessidades sejam, materiais ou espirituais e em momentos de sofrimento, alegria, tristeza. Isso fica evidente no depoimento coletado também por Noronha (2011), no qual o Capitão Dirceu, recita que “o Congado, pra mim, é uma vida, porque tudo que eu faço é pautado dentro da Irmandade”. Por fim, segundo Soares (2009) “Reinado a gente não aprende. Reinado a gente vive”.

A origem do aparecimento da santa e, subsequentemente, da festa em louvor possuem diversas versões, que justificam o surgimento tanto de alguns ternos, como do festejo. Dentre as principais versões - pois várias podem ser encontradas, como: Costa (2006), Silva (2008) e Moura (2012), citamos neste artigo a lenda de Chico Rei, com o surgimento da festa e a versão mítica mais popularmente contada, com o aparecimento da santa.

De acordo com lenda, o Rei Galanga, batizado de Francisco da Natividade e mais conhecido como Chico Rei, foi trazido como escravo para o Brasil. Em Minas Gerais, Chico Rei enriqueceu-se com a exploração de uma mina abandonada em Vila Rica e libertou diversos escravos, criou a primeira irmandade dos negros livres em Minas Gerais (MOURÃO, 2011; MOURA, 2012).

Francisco foi proclamado rei desta pequena comunidade e desde então passou à lenda como Chico – Rei. Com sua mulher com quem casou no Brasil, seu filho e sua nora, formou uma família real em Vila Rica. Diz à lenda que a “nação” que Chico – Rei criou comprou as minas da Encardideiras e do Palácio Velho. Com o ouro que essas minas produziam, Chico – Rei ampliou o alcance do seu plano, libertando cada vez maior o número de negros. (RAMOS, 2005: p. 132).

Quando liberto, Chico Rei teria organizado a primeira festa dos negros em Vila Rica, no ano de 1747, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. A festa em questão reunia tanto elementos africanos com hasteamento de mastro, coroação de reis e guardas de congado; como elementos católicos, com missas e dogmas “ofícios religiosos” (MOURA, 2012).

Diversas são as versões que compõem o imaginário acerca do surgimento da santa e da origem da festa. Porém, todas as diferentes versões, retratam o grupo de Moçambique como o responsável pela retirada da santa da água e independente de onde a santa apareceu (mar, gruta, senzala, lapa), todos possuem a mesma estrutura (COSTA, 2006; MOURA, 2012). Garone (2008, p.104), completa, discorrendo que independentemente do local de aparecimento da santa, todos os mitos possuem os mesmos aspectos: “os brancos são desprezados pela santa, os congos os primeiros a empreender uma tentativa de resgate e somente os negros mais simples e humildes, através da magia que emana de sua dança e música, é que conseguem resgatá-la”.

Os mitos refletem, portanto, a tentativa de reconhecimento por partes do povo africano, que encontrou na vivência do mito, uma forma de expressar sua religiosidade e uma forma de almejar uma mudança social. Ao mesmo tempo em que, a devoção aos santos de cor, reafirmassem sua raiz, lembrando um período obscuro de exploração, porém, marcado pela devoção e pela festa (SILVA, 2008; NORONHA, 2011; MOURA, 2012).

3 O CONGADO DA COMUNIDADE DE MOCAMBEIRO/MATOZINHOS-MG

3.1 ORIGEM DO DISTRITO

Os remanescentes da antiga bandeira de Dom Rodrigo de Castelo Branco foram os primeiros habitantes civilizados que chegaram à região onde se localiza o município de Matozinhos.

O município de Matozinhos pertence à Área de Proteção Ambiental (APA) Carste de Lagoa Santa e está localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, sendo o principal acesso à sua sede a rodovia MG.424, e está inserido no vetor Norte, estando a aproximadamente 51 KM de capital do estado, limitando-se ao norte com o município de Funilândia, a noroeste com o município de Prudente de Moraes, a oeste com o município de Capim Branco e ao sul com o município de Pedro Leopoldo. O município ocupa uma área próxima de 256.908 Km², possuindo segundo dados do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística – IBGE- uma população de 33.955 habitantes (MARTINS; JÚNIOR, 2012).

O povoado iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus, que foi edificada no local onde fora descoberta uma imagem entre ruínas do antigo acampamento da bandeira de Dom Rodrigo de Castelo Branco. Incorporado a este município, encontra-se o distrito de Mocambeiro, onde cerca de 80% da população é de negros e descendentes. Fica a aproximadamente 52 km de Belo Horizonte e é um riquíssimo sítio que zela pela cultura Conga, conforme Prefeitura de Matozinhos (2014).

Entre construções remanescentes do século XIX e início do século XX e também com a presença de fazendas do período colonial, Mocambeiro é caracterizado pela sua horizontalidade, que se mostra notável diante das construções existentes em sua paisagem. Conforme Dutra et al.(1998), no distrito de Mocambeiro, encontra-se um importante patrimônio histórico, representado pelo Conjunto Arquitetônico da Fazenda da Jaguará. Tombado pelo IEPHA, este conjunto remete ao período colonial. A cidade também preserva algumas igrejinhas e a sede da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, no estilo colonial mineiro, desde a fundação da cidade no século XVIII, de acordo com o site da Prefeitura de Matozinhos (2014).

A presença incisiva de afro-descendentes entre seus moradores destaca a relação destes com o significado do nome do Distrito, como dito por Costa (2006) em sua monografia, “O nome do Distrito deriva da palavra “mocambo”, que significa “coto de escravos na floresta, quilombo”, ou ainda “choupana”, sendo Mocambeiro “quilombolas, aquele que mora em mocambo.”. A marcante presença desse tipo de moradores faz com que sejam preservadas e valorizadas tradições culturais típicas dos descendentes de escravos em Minas Gerais, sendo uma delas o Congado.

Quando foi abolida a escravidão, os escravos que trabalhavam para o Visconde Francisco de Assis, tornaram-se livres e passaram a viver na região, perto de onde se escondiam. E esta, por sua vez, tornou-se um pequeno povoado, que deram o nome de Mocambo, e mais tarde, passou a se chamar Mocambeiro. Essa denominação permanece até os nossos dias (COSTA, 2006).

3.2 ORIGENS DO CONGADO EM MOCAMBEIRO

Conforme o Sr. Oliveira Pereira de Araújo e Rasmene Alves da Silva, em depoimento coletado por Costa (2006), o conhecimento sobre a festa do Congado chegou em Mocambeiro como consequência de uma festa de Congo ocorrida na cidade de Ouro

Preto, seguida, posteriormente, de festejos na Quinta de Sumidouro e em Funilândia. Ainda segundo eles, um ex-escravo de nome Quirino participou, na mesma época, da festa em Prudente de Moraes, onde se encontrou com um colega chamado Matatias Matias - também ex-escravo - que sugeriu reunir algumas pessoas e realizar um ensaio de Congado em Mocamboiro. Este convite se consolidou algum tempo depois, sendo realizada uma reunião com pessoas da comunidade, dentre elas o Sr. José Olinto, Sebastião Alves, Mário Barbosa, Cândido Alves, Sinhorinha Ambrósio, Sá Belmira, Guilherme, Brás e outros.

Após várias discussões em torno do tema, em 1917 foi estruturada a primeira capitania, com a seguinte formação: Rei do Congo - Matatias Matias, Rainha do Congo - Sinhorinha Ambrósio Mestre - Mário Barbosa, Contramestre - José Augusto, Capitão Embaixador Chico Gonçalves, Rainha do Ano - Judite, Rei do Ano - Cândido Alves. Esta capitania conduziu o Congado de 1917 até 1921, mudando somente o rei e rainha de ano. Em 1918 o Rei de ano foi Izido Alves e a Rainha, Sá Belmira. Em 1919 - Rei, Joaquim Batista, Rainha - Lizaura. Em 1920 - Rei, Chico do Lau e a Rainha - Sinh`Ana e em 1921 o Rei era Zé Maria e a Rainha Raimunda Horácio (COSTA, 2006, p. 25-26).

A prática do ritual do Congado, inserida nas irmandades negras fundadas ao século XVIII, adquiriu uma das suas formas de origem. No contexto do Brasil colonial nas quais essas entidades religiosas se faziam presentes, estas eram a único recurso de organização da sociedade civil, já que neste período, o modelo de organização socioeconômica impossibilitava a fundação de corporações civis e de ofício, sobretudo se referidas aos negros. Considerada pela maioria dos moradores de Mocamboiro como uma festa cheia de religiosidade, o Congado destaca-se pela capacidade de unificar diferentes grupos sociais que se reúnem e constituem entre si uma relação de trocas simbólicas e de serviços, a propósito do cumprimento de promessas e da prestação de homenagens aos santos de sua devoção, conforme Costa (2006).

Em sua trajetória histórica no Brasil, o Congado - sendo uma manifestação religiosa de matriz afrobrasileira - já foi alvo de críticas e perseguições de diferentes ordens. Porém, o mais impactante dos atos, parece ter sido a proibição dos festejos e rituais relacionados à cultura afro no interior das instituições religiosas católicas, dada a peculiar relação com o catolicismo. No ano de 1924, Dom Cabral assume a posição de Arcebispo de Belo Horizonte e dá encadeamento a opressão da cultura Conga e da devoção destes a Nossa Senhora do Rosário.

(...) era obrigatório ensinar nos seminários que o Reinado, Congado, Candomblé, ou qualquer culto desta natureza, eram práticas terminantemente

proibidas pela Igreja Católica, e os padres, ao se ordenarem, já eram instruídos a combater tais práticas, com o objetivo de varrê-las do território mineiro. A partir daí, os padres ergueram vozes nos púlpitos em inflamados sermões, fulminando os ritos afros e ameaçando de excomunhão a quem ousasse desobedecer às ordens do bispo (COSTA, 2006, p. 24).

Contudo, depois do agitado período da proibição das práticas religiosas de origem africana, contempla-se que a partir de 1948, houve uma frouxidão destas por parte da Igreja e algumas cidades voltaram a comemorar o Congado, ainda que com algumas restrições. Dentro do distrito de Mocambeiro não foi muito diferente do que se passava no Brasil naquela época, ficando impedido de celebrar sua festa na Igreja durante 21 anos (1921 - 1942). Contudo, durante este período a Guarda de Mocambeiro não foi integralmente desativada, podendo então continuar as reuniões e seus festejos na sede da Sociedade São Vicente de Paulo, próxima à Capela Santo Antônio que se faz presente na praça de mesmo nome. Após este período, tendo o Sr Sebastião Alves como mestre, e Paulo Araújo como contramestre, o Congado de Mocambeiro voltou a frequentar a Igreja, sendo esta uma prática que permanece até os dias atuais.

Consta ainda, que em 23 de abril de 2004 foi feita a primeira Averbção–AV-1 de ata da “Guarda Nossa Senhora do Rosário” de Mocambeiro, cujo teor é a eleição e posse dos conselhos administrativo, fiscal e consultivo para o biênio 2004/2006 A Instituição foi declarada de utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Matozinhos em 26 de maio de 1988, sob a Lei nº 1.045. Encontra-se inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ, sob o número 65.140.81/0001-91(COSTA, 2006, p. 26).

Atualmente, o Congado de Mocambeiro está vinculado ao CETTRO - Centro das Tradições do Rosário do Estado Maior de Minas Gerais -, antes denominado Federação dos Congados de Minas Gerais, o que faz com que as orientações da entidade devam ser obedecidas.

4 O CENTENÁRIO DO CONGADO DE MOCAMBEIRO: TRADIÇÃO, FÉ E FESTA

O distrito de Mocambeiro foi impedido de celebrar sua festa na Igreja durante 21 anos, retornando em 1942, até os dias de hoje. Consta ainda, que a Instituição foi declarada de utilidade pública pela Prefeitura Municipal de Matozinhos em 26 de maio de 1988, sob a Lei nº 1.045. Encontra-se inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ, sob o número 65.140.81/0001-91 (COSTA, 2006, p. 26).

Considerando isso, torna-se incontestável que a Festa da Nossa Senhora do Rosário tem grande importância na cultura local e que a comemoração do Centenário da Guarda de Mocamboeiro deixou claro que os festejos durante esses anos sofreram algumas mudanças em suas tradições. Visto isso, o presente relatório propõe um levantamento das principais mudanças que o festejo sofreu desde sua fundação até o Centenário.

Para realização do evento, antes são feitas reuniões - geralmente a partir do mês de maio - com a diretoria, congadeiros, candombeiros e festeiros, além de outras pessoas envolvidas. A festa é precedida de ensaios e uma novena, sendo celebrada mais perto dos dias da festa. Neste ano, o tema da novena foi “Congado de Nossa Senhora do Rosário 100 anos de Religiosidade, Tradição e Fé”.

Além de todos os ensaios, os congadeiros realizam um ensaio geral que, busca prever uma melhor preparação e inclusive, apresentar os novos reis e rainhas. Os ensaios ocorreram dias e locais os definidos pelo grupo, sendo que a maioria dos encontros ocorre nas residências dos membros. A festa finalmente se inicia, após a preparação e para a felicidade dos congadeiros.

O sábado, domingo e a segunda-feira, são assinalados pela manifestação de alegria e felicidade, além de muito esforço para a realização do melhor evento possível. Esse esforço é perceptível, principalmente porque entre os lanches servidos gratuitamente a todos que viram a madrugada em orações, canções e guardas de bandeiras e estandartes, observa-se o suor dos embalos dos tambores.

O Centenário da Festa do Congado de Mocamboeiro foi realizado nos dias 19, 20 e 21 de agosto de 2017, durante as comemorações da Festa da Nossa Senhora do Rosário. Nesse evento, a comissão de Reis e Rainhas se constituíram nos representantes: o Rei Congo, Sr. Antônio Custódio de Almeida conhecido como Antônio Bonitão, a Rainha Conga, Sra. Raimunda Rodrigues Moreira conhecida como Dica, o rei do Ano foi o Sr. Fernandes de Souza Silva, mais conhecido como Sr. Didica, e a Rainha do Ano, nomeada a Sra. Fabrícia de Souza Brito, conforme imagens da figura 1.

Figura 1 - Rei e Rainha do Congo de Mocambeiro, 2017.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

O início da festa é marcado pela abertura das orações, conforme COSTA (2006, p. 26), “o Capitão Embaixador, recita algumas orações para proteção e solicitação para um bom dia de trabalho. Dali, eles seguem cantando pelas ruas do Distrito em busca dos reis e rainhas, o que chama a atenção dos moradores, visitantes e devotos de N^a S^a do Rosário.”

A guarda normalmente é composta por volta de 60 dançantes, e isso incluindo crianças, as quais possuem um papel importante, por se constituírem no futuro do Congado. Sobre tal fato, o presidente da Guarda de Mocambeiro afirma que é necessária a participação delas, para que as mesmas percebam a importância e relevância da festa e mantenham a tradição viva. Segundo ele, o objetivo da guarda é exatamente este, o de manter a tradição viva, passar conhecimento dos mais velhos para os mais novos, dos mais novos para as crianças. Adultos, jovens e crianças seguem no cortejo, conforme figura 2.

Figura 2 - Guarda de Mocambeiro do ano de 2017.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2021.

Durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, é servido à Guarda e a comunidade em geral, café da manhã e almoço, nos três dias de festa. No Centenário, o café da manhã foi servido na barraca de Nossa Senhora, e o almoço foi servido no Salão Pastoral Comunitário. Mas, nem sempre foi assim. Segundo Antônio Sinval, há alguns anos atrás, o almoço era servido na residência dos próprios reis. Porém, com a expansão da festa, fez-se necessário seu deslocamento para um local mais amplo, a fim de acomodar todos os convidados.

Tradicionalmente, o café da manhã é servido como acolhimento de todos os componentes do reinado. Geralmente, algum morador e/ou devoto, cumprindo alguma promessa, assumi a responsabilidade de servir o lanche da manhã, antes de iniciarem o trajeto. Quando ao almoço, sua responsabilidade é dividida durante os três dias de festa, entre o Rei do Congo, o Rei do ano e a Rainha do ano - sábado, domingo e segunda-feira respectivamente.

Em relação aos recursos para a realização da festa, foi observado que a comunidade de Mocambeiro e as comunidades vizinhas possuem um ritual de solicitar a doação de alimentos e também contribuições financeiras para que não ocorra a falta de alimento para nenhum dos participantes. Em todas as comunidades de Congado eles contam com a ajuda de amigos e pessoas da comunidade em geral.

5 DESIGN E AS CONTRIBUIÇÕES EM PRODUTOS PARA O EVENTO DO CENTENÁRIO

A equipe do CEDTec, formada por designers, atendeu aos pedidos dos organizadores da Festa da Nossa Senhora do Rosário de Mocambeiro, que comemorou

em 2017 os seus 100 anos. A designer Ivy F. Higino Martins, membro da equipe CEDTec, apresentou uma proposta para a marca do centenário destacando características da como as fitas nas cores rosa e azul celeste, que são utilizadas nas indumentárias, estandartes, instrumentos. Além do destaque das fitas, outros elementos foram incorporados a marca, como a simbologia da coroa em estrelas na cor dourado, e na leveza do caimento das fitas que remetem aos 100 do Congado. Essa marca, uma das opções desenvolvida para atender ao propósito, foi aplicada em produtos para uso dos congadeiros, como também para produtos de apoio à festa, que foram disponibilizados para aqueles que desejavam contribuir com o evento. Entre os produtos, são apresentados alguns exemplos como estandartes, camisetas, velas decoradas, entre outros. Os exemplos podem ser visualizados na figura 3.

Figura 3 - Logo do centenário do Congado de Mocambeiro e produtos



Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

A Equipe do CEDTec também atuou no desenvolvimento de um terço, como souvenir, para os apoiadores da Festa do Centenário do Congado de Mocambeiro. O terço foi apresentado em várias opções, como outras sugestões para o evento. Contudo, o mais apreciado foi uma solução apresentada pela designer Letícia H. Guimarães, que apresentou um terço com contas em “fuxicos” de tecidos (produto comum no artesanato da cultura mineira). Os fuxicos em tamanhos reduzidos de um centímetro encantaram os organizadores da festa, que também optaram por diversificar no tamanho e cores.

A Equipe do CEDTec preparou um workshop sobre a técnica de confecção para alguns representantes do Congado, sendo que o desenvolvimento dos modelos foram criações da própria comunidade (figura 4).

Figura 4 - Terço de fuxico e Workshop com a comunidade.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2021.

Os produtos elaborados para o centenário poderão ser utilizados em outros eventos do Congado de Mocambo, pois a equipe do CEDTec preparou opções que possibilitam variações na logo do centenário e em produtos que podem ser comercializados, como recurso para a realização da festa. Não há intenção de tornar a festa do Congado um evento de geração de renda, mas de obter condições para preservação da cultura local.

A equipe do CEDTec durante a realização da Festa do Centenário, disponibilizou profissionais e equipamentos para registros de imagens digitais. O arquivo completo dos registros e o relatório da pesquisa foram destinados à direção da associação, que poderá manter a história para as gerações futuras.

6 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

O número de publicações e trabalhos referentes ao tema são amplos e diversificados. Contudo, quando voltado ao distrito de estudo, percebeu-se uma escassez grande, sendo quase que nulo o material de referência. A guarda de Mocambo, referência do trabalho, é a quinta mais antiga do estado, tendo sua fundação em 28 de agosto de 1917.

Observou-se que o Reinado consiste num ciclo anual de homenagens a Nossa Senhora do Rosário e envolve desde a realização de novenas aos rituais africanos como a coroação de reis e rainhas, em coloridos trajes de gala e que, portanto, o Congado se encontra inserido dentro do Catolicismo Popular. Durante todo o ano os envolvidos desempenham seus papéis para colaborar com a preparação da festa, sejam nos bastidores ou como protagonistas ativos.

Pode-se, portanto afirmar que, o Congado como manifestação cultural, seja expresso no *modus vivendi* de seus praticantes, seja através da festa realizada anualmente,

possui uma carga histórico-cultural que permite ao país enriquecer-se de conhecimentos e tradições. Todos os elementos que o compõem permitem o fortalecimento das raízes africanas no Brasil, de forma que as mesmas não se percam com o passar do tempo.

Quanto ao Distrito de Mocamboeiro, comprovou-se que o Congado possui grande influência e importância, tanto na cidade quanto em seus moradores.

Como contribuições do Design, pode-se dizer que os registros fotográficos do evento, realizados durante a Festa do Centenário do Congado, é um elemento de preservação de memória. Assim como a nova Logo e da identidade visual condizente com a importância do Congado. Todo material produzido, tanto de caráter científico, como visual, torna-se uma forma de criação de memória para a comunidade, além de servir como forma de divulgação do Congado em Mocamboeiro.

Há um campo vasto de possibilidades em pesquisa a serem realizadas no distrito, porém, as dificuldades de deslocamento dos pesquisadores e a falta de referências para validação de algumas informações diminuíram o recolhimento destas. Existe o interesse de alguns atores envolvidos das instituições locais, porém, a comunidade em si mostra-se um pouco relutante em expor-se a pesquisa, mesmo com todos os direitos resguardados.

Para estudos futuros, sugere-se a continuação de pesquisas exploratórias sobre o Congado de Mocamboeiro, a fim de aumentar o número de publicações e olhares voltados para o distrito. Este estudo poderá ser executado por meio de outros projetos de pesquisa e projetos de extensão, com o intuito de ajudar na elaboração da festa e dos preparativos, bem como a continuidade do levantamento histórico/cultural do patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

BERTOLINO, Júlia. **Os Arturos e o Congado: Símbolo de Luta e Resistência para O Povo Mineiro de Civilização**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010.

BRETTAS, Aline Pinheiro; FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS**. Unirio, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2012.

COSTA, Evandro José da. **Congado: Sua trajetória no distrito de mocambeiro, Matozinhos/MG**. 2006. 107 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Faculdade Pedro Leopoldo, Instituto Superior de Educação, Pedro Leopoldo, 2006.

CRUZ, Marcelo Silverio da. **Mitos - Suas origens e sua importância para o homem contemporâneo**. Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa” - UFJF. Juiz de Fora: 2007. Disponível em; <http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/MITOS.pdf>. Acesso em 27 jun. 2021.

GABARRA, Larissa O. **O Reinado do Congo no Império do Brasil: O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central**. 299 f. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GARONE, T. D. **Uma poética da mediação: história, mito e ritual no congado Setelagoano-MG**. 2008. 210 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUILOUSKI, Borres ; COSTA, Diná Raquel D. da. Ritos e Rituais. **JOINTH - Subjetivação Contemporânea e Religiosidade**, 2., 2012, Paraná. Anais... Paraná: PUCPR, 2012, p. 91-109.

MARTINS, F. P.; JÚNIOR, L. C. F. **Percepção dos alunos da Escola Estadual Felícia Fernandes campos em relação ao patrimônio cultural e ambiental do Distrito de Mocambeiro, Matozinhos, Minas Gerais** – Ecomuseu Mocambeiro. 68 p. Dissertação (Monografia) - Instituto Superior de Ciência da Saúde, Belo Horizonte, 2012.

MOURA, Larissa Geórgia Bráulio. **Vozes da resistência: Tradição, Inovação e Participação da Juventude no Congado de Estrela do Indaiá – Minas Gerais**. 242 p.

MOURÃO, Nadja M. **Olhares sob o Congado de Minas Gerais**. Seminário AtroAtitude da Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design, Belo Horizonte, 2011.

MOURÃO, Nadja M.; OLIVEIRA, Ana Célia C. Memória afetiva e o artesanato religioso em Minas Gerais. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.2, p. 14261-14278 feb. 2021.

NAVES, Fernanda Domingos; KATRIB, Cairo Mohamad. Cultura, identidade e religiosidade: o Congado da cidade de Ituiutaba-MG. **Horizonte Científico: Uberlândia/MG**. v. 6, n. 2, fev/2012.

NORONHA, Vânia de Fátima. **Reinado de Nossa Senhora do Rosário**: a constituição de uma religiosidade mítica afrodescendente no Brasil. Dossiê: Religião e Cultura. Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 268-283, abr./jun. 2011.

RAMOS, Arthur. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

SILVA, Wagner Aparecido da. **Viva rei, viva a rainha, viva também seu capitão**: a família do congado em Conselheiro Lafaiete – MG. 2008. 80 p. Mestrado (Dissertação) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP, 2008.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria(S)**: Mulheres na tradição do Congado em Belo Horizonte, MG. 2009. 114 p. Obtenção de Título (Dissertação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2009.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

VILARINO, Marcelo de Andrade. Alianças e Disputas no Congado Belo-Horizontino. **Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião** - UFJF, Juiz de Fora, v.4, n.1, p. 97-118, 2007.